



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Luis de Camões, 34, 3.º

Não se restituem os autografos

DIRECTORA: IRENE VIEIRA LISBOA

REDACTORA GERENTE: ALICE BARBOSA E OBRAS

Propriedade da Empresa da **EDUCAÇÃO FEMININA**

EDITORIA: ILDA MOREIRA

Composição e impressão na tipografia A NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria, 40 — Avenida — Lisboa

Expediente

Desculpar-nos-ão os nossos leitores a extraordinária demora que teve este numero. E' só justificável por estarmos atravessando a «quadra das ferias», em que as colegas debandam, os «fundos» descem e a atividade repousa...

Corações bons alegral-vos, e vós, malquerentes, mordel-vos, porque ainda desta vez não succumbiu a juvenil e esperançada Educação Feminina.

Novamente rogamos com muito interesse aos nossos assinantes a fineza de satisfazerem as suas assinaturas do 2.º trimestre. A redacção, como já aqui indicámos, está definitivamente instalada na R. Luiz de Camões, 34 3.º, Lisboa. E para evitar confusões e reclamações de recibos, seguiremos o exemplo de alguns jornaes, registando aqui os nomes dos snrs. assinantes, que, por essa forma tem validade a sua assinatura.

Sempre ao vosso dispor,

A Educação Feminina.

Ao correr da pena...

Minha saudosa amiga:

Que deliciosos dias estes em que nós vemos raiar a aurora e ficamos descansadamente no nosso amado leito, sonhando vagamente em ideias, na vida, no futuro! ou então partimos aos primeiros alvôres matutinos, sem cuidados nem apreensões, sorrindo, cantando, amando tudo o que a natureza nos depara e nos envia a saudar!

A natureza inteira é um ino! o céu é uma paleta! a vida é um sonho! que lindas manhãs! que belas tardes!

Lembro-me então que tenho vinte anos... e ter vinte anos é ter um horizonte azul e imenso ante os olhos, é ter a alma embriagada de sonho, — pertinaz e crédula, confiada e boa...

Ah! minha querida amiga, sabe lá que encanto e que volúpia encerra esta ideia de termos um dia todo livre, de que podemos dispor a nosso belo prazer!

E' tirar as muletas a um coxo, é quebrar a prisão a uma avesita nostálgica...

E a sombra unica que me aneuva esta vida de remanso e goso, é a ideia negregada de que as ferias estão no fim e que hei-de trocar este retiro encantador pela cidade turbulenta; e, emfim, que terei de voltar ao nosso pouco hospitaleiro e bem conhecido convento...

— Que espanto tão ingenuo e que exclamações tão infantis me dirigiu em resposta áquela carta que neste mesmo jornal lhe dirigi!

Pois quê!? Chegou-se a convencer de que eu estivera cultivando um novo genero de humorismo, e que ao sabor da minha fantasia fora

carregando as tintas para dar maior realce á teta!?

Antes assim fora! Infelizmente ainda esbati um pouco os negros e amaciei os angulos...

A minha amiga imagina lá a decrepitude daquilo tudo! As paredes, dum só relance atestam bem quantas décadas já viram decorrer, e quantos insultos de imundice o tempo lhes fez sem que ninguém se condoesse e as desafrontasse... E por toda a parte o tempo e a ruina traçam o seu estigma indelevel e fatal... Quem passar pelo corredor que vae para a secretaria e atentar bem na parede do vão onde as creanças da Anexa têm os lavatorios, ha de ver um curioso trabalho da natureza que tem muito de artistico e muito de imundo...

E' um rendilhado fino e gracioso, isto sem ironia, minha amiga, feito a capricho como se um lapis de artista o traçasse.

Perguntei a uma servente a que se devia aquele trabalho, respondendo-me ela que a humidade das retrétes que ficam exactamente naquela direcção no andar superior é que se encarregava daqueles mimos...

Dizem que temos um museu e um laboratorio, mas julgo que é para decoração: é santuario vedado aos profanos!

Note porém, minha amiga, que eu friso estas incurias e verbero este criminoso desmando sem querer de forma alguma atingir injustamente as entidades superiores da Escola, porque a nenhuma delas competia por livre deliberação, remodelar este miseravel estado de coisas: que havemos nós todos de fazer?

Sofrer... resignadamente, passivamente, como dignos filhos dum povo cujas regalias são apodadas de luxos!

Necessita um orador fazer vista nas camaras, comover os assistentes e patentear os seus nobilissimos sentimentos e elevados ideaes?

Fala da instrução e apresenta logo um projecto de reforma!

Fala na necessidade de desenvolver os cursos, arrasa os professores e alvitra secundariamente a idéa de construirem edificios higienicos e apropriados.

Extinto o ultimo eco da eloquente tirada, ninguém mais pensa naquelas ninharias, porque assuntos urgentes de eleições, medidas de ordem e de economia absorvem por completo as altas capacidades representantes deste povo mesquinho...

E, entretanto, a população das nossas escolas vae rindo e folgando, porque a mocidade a impulsiona e a vivacidade comunicativa desta quadra que jamais volve, retine por estes corredores sombrios como uma provocação ao passado, á morte e á decadencia, tão bem representados na mudez eloquente de cada objecto!!

— Sabe a minha amiga que engraçado estratagemma devêmos á natureza previdente para nos beneficiar nos dias de maior calma, numa ou duas aulas da nossa Escola? Uns buracos no tecto! — Compreende-se: — O telhado deve ter falhas, infalivelmente o tecto com falhas também: e aí temos nós um processo barato de ventilação!

Oh! minha amiga! aventurarmo-nos então a pisar as dependencias onde funcionava o antigo recolhimento ha poucos anos é que oferece perigos! A formiga branca tem lavrado na sua obra de destruição, o caruncho é seu digno émulo, e as nuvens de pó e a escuridão ca-

sam-se para nos expulsar sem transigencia.

— No entanto ha uma aula a funcionar nesta parte reservada!

O curso aumenta e casas não ha, de forma que temos de aproveitar qualquer recinto murado e tapado.

Isto são misérias domesticas que até envergonha dizer...

E aqui, nestas ruinas e nesta podridão se fala de progresso á mocidade anciosa! Ouvem-se teorias belas de higiene e pedagogia rodeadas dos mais frisantes e claros contrastes...

— Iniqua patria que tão mal compensa os esforços violentos dos seus sustentáculos — os humildes obreiros!

E' o professor primario, esse humilde trabalhador — humilde pela mesquinha consideração que tem e pela remuneração parca que lhe dão — um dos melhores propulsores do engrandecimento do povo: e quem duvida disso? ninguém!

No entanto a sua vida é um martirio incessante, uma luta sem tréguas, desde o inicio da sua carreira até ao terminus da sua existencia.

— Ministram-lhe um curso incompleto em edificios horripilantes, e no fim mandam-lhes ganhar 400 e tal reis diarios a dispendir intelligencia, energia e vontade sem conta, para uma aldeia remota, onde só a leitura e o estudo poderiam interessar e distrair quem não tivesse de enganar as vistas com uma falsa e penosa apparencia de desafogo...

Já vae longa esta carta, querida amiga e só a sua muita bondade me perdoa tamanbo atentado á sua paciencia...

A tarde está esplendida e o céu apresenta um divino colorido! Vou passear, minha amiga, embriagar-me de luz e de sonho por essas estradas lisas de paisagens risonhas, para afogar maguas e esquecer agruras...

E disponha sempre da franca amizade da sua dedicada

Irene Vieira Lisboa.

Um pedido

Se um dia te lembrares de que vive no céu quem já por ti morreu d'amores, vem desfolhar na minha campã flores, que tantas para ti na vida tive!

Mas se acaso do tempo que passou nem sequer a lembrança te ficar, não venhas meu sepulcro interrogar... deixa dormir quem já por ti velou.

José Simões.

Coimbra heroica

Venho desde o começo do notavel incidente que enlutou Coimbra e sobresaltou o espirito pacifico e consciante da sua população, seguindo as medidas de defesa e de resistencia, que tem sido heroica, e admirando a serenidade e o criterio altruista e patriota que a elas tem presidido.

E' de admirar nesta ocasião em que tão habituados estamos ao movimento de grevistas, que se tem imposto na sua generalidade mais pela força e pela desordem de que pela evidencia e pela justiça, é de admirar repito e digna de toda a aclamação, a serenidade de que Coimbra tem revestido o seu protesto energico, cordato e ordeiro. E quanto mais se prolongar o seu gesto altivo e sofredor, tanto mais nobre e heroico será o seu protesto e tanto mais se imporá a todos os cidadãos dignos e consciences a justiça que assiste aos reclamantes. Essa forma serena de protestar e defender direitos, mostra duma maneira bem clara e evidente que o povo de Coimbra é ordeiro, educado e consciante.

Vê-se portanto que a linda cidade do Mondego, satisfazendo plenamente ás condições evolutivas do progresso, do que ela está dando provas claras, concludentes e inconfundiveis, é digna de melhor sorte e de melhor futuro.

Coimbra alem das razões de ordem patriótica, muitas outras tem que justificam a sua resistencia e o seu grande sentimento.

Não é de afogadilho que uma medida que necessitava de larga e conscienciosa discussão se apresenta a tantos espiritos briosos que não a poderam discutir pela surpresa que lhes causou e pela acumulação de trabalhos que em frente de si tinha, dos quais era mister desembaraçarem-se, num tão curto espaço de tempo.

Depreende-se que esse afogadilho foi propozido, precisamente para colher de improviso os defensores duma causa de tão reconhecida importancia, da qual depende a vida e a felicidade dum povo.

As razões de ordem tradicional também se impõem pelo seu alto valor; pois não é num momento improvisado que se vae rasgar as paginas brilhantes e mais belas dos Anais de Coimbra, sem haver a menor urgencia e sem haver a menor necessidade; visto que o país está semeado e até recheado de baixareis, os quais, coitados, atribulados pela dura necessidade e pela miseria, lutam, barafustam na conquista de empregos bem pouco rendosos, inventam logares e projectam concursos, tal é a abundancia e tão poucos são os logares!

Ha, pois, necessidade de criar outra Faculdade de direito e já neste momento em que as nossas finanças estão tão baixas e comprometidas?

Eu não compreendo senão por uma grande incoerencia o desdobramento da Faculdade; pois, como explicar ou sair airoosamente da contradição flagrante que resulta do desdobramento da Faculdade, que vem incontestavelmente trazer um aumento enorme de despesa, depois de haverem decretado uma lei que obsta a todo o aumento de dispendio?

As nações mais adiantadas em Civilisação têm, pôde calcular-se, uma Universidade por cada três milhões de habitantes; ora o nosso país dando por seis milhões de habitantes deverá ter três Universidades, pelo menos de nome, ou sejam duas completas?

Será possivel que queiram comparar o estado de analfabetismo em que infelizmente jaz o nosso povo, com o progresso da Belgica, Alemanha, França, Inglaterra, Suissa, etc?

E' um erro grande como se sabe, reger povos atrasados por leis que supõem grande desenvolvimento e progresso. Esse erro reconhe-

cê lo-hemos, oxalá que não, quando a patria que os nossos soldados não conhecem, nem sabem amar, os chamar para a sua defesa.

Que dirão então?

Dirão, como é de presumir, que as suas familias, as suas moradas, os seus campos... lhes merecem mais atenção do que a chacina dos seus semelhantes.

Dizia há pouco um jornal de grande publicidade, que era preciso acabar com a fabrica de baixareis, como que o desdobraimento venha impedir tal fabrico, ou como que esse mal contagioso não peore aqui, numa cidade de tantas e tão variadas distrações!

A Universidade de Coimbra pelas suas instalações que satisfazem às condições higienicas e pedagogicas, pelos seus laboratorios bem montados, pelos seus gabinetes riquissimos e pela sua preciosa biblioteca, é um edificio que muito nos honra perante o estrangeiro.

Ora, onde é que em Lisboa ha edificio proprio para a instalação da dita Faculdade?

Querem talvez encerrar rapazes cheios de vida e liberdade numa casa anti higienica, fradesca, cheia de tristesa e horror, como é a maior parte dos edificios escolares da capital?!

O desdobraimento da Faculdade de direito, neste momento é extemporaneo, representando pelas consequências que se preveem um erro economico, um erro pedagogico e até um grave erro politico que muito pôde abalar a marcha governamental da nação.

Lisboa 10-7-913.

A. C.

Do Curso Superior de Letras.

O' mar! ó mar infinito!
região do esquecimento!
Quando às vezes medito,
penso acabar meu tormento
em teu seio, ó mar bendito!

Maria Lusía.

De Damasceno Vieira, sonetista brasileiro.

A Domadora

Perante a grande multidão curiosa que doidamente aplaude e que condena, ela exhibiu-se, impavida e serena, cingindo o corpo em clamide pomposa.

Entrou nas jaulas e afagou mimosa de hircano leão a turbida melena; o tigre, o lobo, a carniceira iena, curvaram se ante a força prestigiosa.

Quando a beijaram canibaes, panteras, a turba, num transporte delirante, fez-lhe ovações estridulas, sinceras.

Porém ela chorava nesse instante: chorava não poder, entre as mais feras, domar o fero coração do amante.

A nossa exposição de lavôres

Mui grata foi a impressão que nos deixou a nossa exposição de lavôres.

Sem duvida, ela vinculou os traços mais li-songeiros na pagina da nossa vida escolar e, ante o carinhoso acolhimento que parte do nosso publico lhe tributou, poderemos afirmar que alguma coisa se fez de util e proveitoso, e isso nos incitará a proseguir com passo seguro e firme no caminho do futuro.

E, na verdade, a perfeição d'alguns trabalhos, a sua disposição artistica, o bom gosto, a subtilidade do desenho, honram as professoras que nos dirigiram e que emvidaram todos os esforços para o bom exito da empresa, atestando mais uma vez ao mundo artistico que a mulher portugueza não é nenhuma nulidade.

E par da enorme profusão de bordados, rendas e outros trabalhos femininos, estavam tambem expostos numa outra sala, alguns desenhos de ornatos, admirando-se dois delicados desenhos à pena e ainda umas graciosas colleções botanicas.

Mencionarêmos em especial, porém, um interessante museu pacientemente organizado por várias terceiranistas, e onde estavam representados muito rasoavelmente os três reinos da natureza. Ali se viam tambem varias industrias nacionaes e alguns produtos e manufacturas das nossas colonias.

A's alunas Maria Luisa de Azevêdo Rua e Iria Pombeiro é que se deve o maior brilhantismo deste pequeno museu.

A exposição conservou-se aberta durante todo o mês de julho, honrando-nos com sua visita o Ilustre Presidente da Republica.

Sua Excelencia fazia-se acompanhar pelo sr. ministro da instrução e pelo sr. dr. João de Barros que, juntamente com o corpo docente da Escola e algumas alunas, percorreram as salas da exposição.

Além do nosso director, sr. Tomaz da Fonseca, usaram da palavra as alunas Gabriela Pinto e Alice Oeiras que saudaram os visitantes agradecendo penhoradas as amaveis referencias feitas aos nossos modestos trabalhos.

Fez-se depois ouvir o orfeon que entoou algumas canções e por ultimo A Portuguesa, retirando suas Excelencias verdadeiramente encantados.

Foram lhes por esta ocasião oferecidos alguns dos nossos trabalhos.

Não é tão promenorizada quanto eu desejava, esta noticia, mas, não deixarei de frisar de leve, ao menos, a atenção, o cuidado e o interesse da nossa amável professora sr.^a D. Luisa Robertes, a quem todas as alunas expositoras estão sinceramente reconhecidas.

Egualmente endereçamos agradecimentos ao Ex.^{mo} Sr. Julio de Almeida, repórter do *Seculo*, pela sua cativante delicadeza dispensada às alunas da comissão de lavôres, e muito especialmente pelos obsequiosos auxilios que a Educação Feminina lhe mereceu.

Nota da Redacção: Estava destinada esta noticia á pena facil e conscienciosa da nossa estimada colega e amiga Alice Oeiras, que, por ter pertencido á comissão de lavôres, melhor e mais circunstanciadamente vos noticiaria quanto se relacionasse com o assunto. Em virtude de particulares desgostos que a atingem, viu se coibida a nossa simpatica gerente e colaboradora de nos prestar o seu valioso tributo para este numero.

Um milagre!...

(INÉDITO)

Era um malvado.

Assassinava e roubava por temperamento e por prazer.

Assim como as almas bem formadas se sentem satisfeitas, quando enxugam uma lagrima, aliviam uma dôr, a dele sentia-se jubilosa quando o tiro não errava.

Contavam-se dele crimes hediondos, fabulosos e inacreditaveis e o seu nome proferia-se com horror.

Matava velhos invalidos, esbofeteava andrajosos mendigos, açoitava creanças indefeas e, num assalto a uma diligencia, ferira mortalmente uma pobre mu'her, que estava no ultimo periodo da gravidez.

Ha feras que podiam ser homens; ha homens que deviam ser feras.

Vivia no mato, em pleno seio da natureza bruta.

Era-lhe indiferente ouvir o canto argentino de um passaro ou o rugido rouco de um animal bravo.

Odiava as noites saudosas do luar...

A justiça conseguiu captural-o.

Quando a escolta chegava á vila, levavam a enterrar o cadaver de uma creança.

A escolta deveu-se um momento para dar passagem ao prestito.

O monstro viu a loira cabecita bambolean-te...

E levou ás faces as mãos algemadas... para limpar as lagrimas.

Tivera uma filha, o miseravel!

V. S. B.

De Fernandes Costa

Madrigal tardio

Se eu fora gentil e moço,
teria ardentes desejos...
de pôr um colar de beijos
no jaspe do teu pescoço.

Em dez fiadas de cem,
faria total de mil.
Infelizmente, porém,
não sou moço, nem gentil.

Versos de François Coppée

Prometeste me, morena,
que me havias de beijar...
e eu venho estonteado
com um raio de luar!

Quer tu queiras, quer não queiras
havemos de lhe escapar...
que o bom do luar costuma
entre as folhas espreitar!

Vamos pelo atalho escuro
onde gostas de passar...
...onde se ouvem, muito ao longe,
as fontes a murmurar!

Mas, sob as folhas sombrias,
não ha luz p'ra nos guiar...
hei-de pôr-te nos cabelos
pirilampas, a brilhar!

(Trad. livre).

Flip.

Em segredo, a uma pedra,
Fui contar os meus cuidados;
Imagina o que lhe disse,
Amor do meu coração!
Imagina o que lhe disse
Que a pedra fez-se em bocados!

De Champfort:

A mulher é como a sombra: se a persegui-mos, foge, e persegue-nos se lhe fugimos.

De La Bruyère:

A modestia é para o mérito, o que as som-bras são para as figuras: dá-lhe vigor e relevo.

Um auto de fé nos tempos modernos

Ai! quanta alegria retinindo por esses ares, gargalhando por essas ruas e travessas! Não ha velhas de biôco, nem inquisidores, nem espiões como tu ontem viste num pesadêlo, pobre martir! ha só a tua gargalheira potente e invisível e o circulo férreo onde prenderam sem remissão o teu pensamento e a tua vontade...

Absorvem-te essas meditações infindas, esse labutar infernal, e hoje mesmo emquanto dormitavas a furto, a aurora te surpreendeu, e tanto dô lhe inspiraste que te enviou um raio de ouro a colorir essa face palida e fria...

Já vae alto o dia... ai! e que lindo! Passam na rua alegres ranchos de raparigas, frescas como as rosas e alegres como passaritos...

A uma janela e outra assomam rostos prazenteiros, e o céu onde o teu olhar fatigado vae por fim pousar, respira tanto jubilo e difunde tanta luz! — que tentações!...

E's novo... e tens um coração que pulsa, — ainda pulsa, o pobre, sob tão pesado látego! — sacóde, rebenta esses liames, e vae gozar a tua mocidade á luz franca do sol; inebriar-te de sorrisos e de cantos, de beijos e de perfumes...

E o mancebo, que ouve o murmúrio inefável da magica tentação, sente-se remoçar e invadir por uma ventura subita que o perturba e céga...

Amar! — balbucia... — quem tivera tempo para amar!

E um turbilhão de fantasias o enerva e anima!

Num repente se prepara, ageita o nó da gravata e alisa os cabelos. Vae partir em busca do amor e da ventura!

Que riqueza tamanha ter mocidade e ter esperança!

E o visionario deixa-se atrair e embalar por estas duas forças irmãs...

Porém, ao transpôr o patim da moradia, sente uma brusca exclamação: — quem foi o verdugo que o arrancou ás suas lindas miragens?! —

— Tens exame amanhã! zurze lhe a consciencia... —

— Ai! que tão louco ia!... —

.....

Austéros e iracundos estão os juizes que hão-de lavar a fatal sentença.

Lê-se-lhes nos semblantes graves, inflexibilidade e rigor.

E o presidente (chama se assim?) com voz pausada e soléne silaba lentamente e com secura o nome do nosso pobre mártir...

E ele, coitado, lá vae desfiando com um es-

toicismo incomparável o seu rosario de teorias, de leis, de datas e de principios que tantas vi-gias lhe custaram e cuja maioria tão inutil ha-de ser na pratica!

Ouvido o ultimo réu, reúnem-se em conciliabulo os impavidos juizes e delibéram coisas espantosas...

Quem tem defesas e andou mal fica aprova-do; quem andou bem e só é apadrinhado pelo seu proprio esforço, fica mal para não ser tolo!

Almedina Sarmento.

Férias...

Eu queria dar-vos, hoje, um contosinho simples, que vos enlevasse, que corresse ligeiro e límpido, como a água clara de um riacho dessas terras do norte... Queria.

Mas eu tenho o cérebro prenhe de idéas que não pôde dar á luz; esboçam-se, vibram, entrecruzam-se, mas, quando procuro transmitti-las ao papel, esvoaçam como um bando de pombas assustadas... e vá lá conseguir aqui-tá-las!

São pensamentos que se esvãem; fio enleia-do que se quebra ao desembaraçá-lo.

¿ De que vos hei de falar? da primavera que findou? do verão que nasceu? de quê?

Ah! já sei. Hei de falar vos das férias. Das férias dos outros, já se vê! que eu... não tenho férias.

— ¿Que fizeste por essa Lisboa?

— Pensei em ti...

— Não acredito. Vocês dizem sempre isso, mas lá... é outra cousa.

— Qual! Não se passava um momento, nos bocados mais difíceis, nos mais alegres tambem, sem que a tua imagem me não apparecesse, conso-lando-me, purificando-me...

Ha olhares que se entrecruzam, cheios de infinito amor; o ceu é muito azul, a sombra da árvore muito fresca, a terra muito vasta e muito alegre; a fonte continua sempre na sua eterna cantiga, a gorgolejar e a resaltar na pia de pedra.

Ha mãos que se apertam terna e castamente, olhos que brilham, corações que pulsam; e em roda a paz serena da natureza em festa.

Não custa a adivinhar: é um *elle* que se andou estiolando nas aulas, em Lisboa; é uma *ela* que se estiolou na aldeia, á espera dele; agora vingam-se ambos, forrageando pelos campos, como abelhas novinhas, avidas de fazer mel...

— Em mangas de camisa, sem colarinho, de cabelo á torreira do sol e sem dar por isso, o rapaz sai de casa dez vezes em cada dez minutos e olha ansioso o extremo da estrada.

— O diabo do *carteiro*, hoje, esqueceu-se!...

Lá vem ele, ao longe, todo sujo de pó. Até que enfim...

— Bons dias, menino! Então o pai?

— Vai bom, vai bom, obrigado. Traz carta?

— Vamos a ver.

Busca com todo o ripanso na sacóla.

— Parece-me que não...

Ui! como o sol é ardente! como a estrada é poeirenta! como tudo é triste!

— O quê? veja bem?

Ouve-se, mesmo de longe, um bater de co-ração, *tuc... tuc... tuc... tuc...*

— Ah! cá está! e é de Lisboa...

— Dé cá, dé cá. Vá lá á cosinha beber uma pinga.

Zut, pela escada acima, a quatro e quatro, até ao quarto.

Ah! (respirar fundo.)

Pela janela aberta vê-se o vale inundado de sol, o rio lá em baixo, a casaria branca; ouve-se o rumorejar da labuta no pátio e na quita; na estrada chia um carro de bois e, mais longe, andam as ceifeiras de lenços vermelhos e de perna ao léu.

Mas ha quem não veja nada disto.

Ái que abengoada cartinha! traz consigo uns perfumes bem conhecidos, evôla-se dela um estúvio tão poderoso e suave, tem palavras tão boas, tão belas... *tua M...* (schui! ia sendo indiscreto!)

— Muito te havias de ter divertido por Lisboa!

— Alguma cousa. Mas gosto mais disto...

E os cavalos lá vão, galopando pela manhã resquinha, relinchando de alegria.

— Gostava de lá ir. Nunca sai d'aqui...
— Não perdes nada com isso.
— Isso dizes tu, que já lá foste.
— Pudera! se não tivesse lá ido, não podia dizer t'ó.

Toc, toc, toc. Um perfume muito bom no ar, um panorama muito lindo...

— Que tal é aquilo? muita gente, muita animação, ruas largas, eléctricos, hein? muito ruído, cafés e...

— Uma inferneira! Nada que se compare com este belo passeio.

— Ah!

Pausa. E os cavalos a correr, as meninas a aprender (ai não! as meninas agora estão em férias.); os cavalos a correr, o sol a subir, o ar a aquecer e, em roda, tudo muito bonito, muito bonito, vinhas por um lado, pinheirais por outro... um paraíso. Se o rapaz não havia de gostar disto!

— Olha lá: em acabando o curso nunca mais lá pões os pés?...
Indecisão.

— Isso agora... Bem vês: sempre é outro meio, mais culto, mais distinto, e a posição...

Catrapuz, catrapuz... e os cavalos a correr...

... Ah! que béla é a natureza! (mas o rádio é a posição...)

E o triste que visiona tudo isso e que se contentava com menos, tem que se conservar na vida insípida de Lisboa, mostrar cara alegre e... escrever *lérias* para os outros!

Que tragédia! como diz, nos «Velhos», o nosso colega mestre escola, o Porfírio.

Julho, 1913.

Flip

Pensamentos de Carmen Sylva

Quando numa conversação se descobre um pensamento oculto d'aquela com quem se conversa, parece que se está procurando as suas mãos através de uma parede.

A felicidade é um aroma, um ruído de festa; leva-os o vento e despedaçam-se as cordas.

A felicidade esta á beira do caminho, está desabrochada a flor; vaes colhe-la e, sente-la imediatamente cair desbotada e murcha.

De Gomes Leal:

Epitáfio de um poeta pobre

Aqui, nesta campã rasa,
jaz um meigo sonhador,
que viveu sempre sem casa!
Fijando as nuvens e a lua,
Sonhava em myrthas em flôr,
Nas duras pedras da rua...
Morreu de penas de amor,
em manhã de nevoas frias,
por jovem de traças pretas,
que vendia violetas.
E era irmã das cotovias...
Morreu de penas de amor,
em manhã de nevoas frias!...

De Arolas:

A alma do homem é maior que os mares e o pó de seus restos enche apenas as palmas de duas mãos.

De Juvenal:

A proibidade é como o seio do mar; este reúne em si todos os rios da terra; aquela todas as virtudes que compõem o homem de bem.

A Escola

v

Orientação; pedagogia teórica e prática

Não será ocioso frisar ainda uma vez que o educando se nos apresenta tarado, na maioria e tarado por culpa da família. Esbocei ao de leve essas táras, no artigo anterior, mas nunca é de mais repisar assunto tão importante e que se reflete de um modo tão visível no modo de ser da criança que será homem e da sociedade de hoje que fará a de amanhã.

Produz todos estes males a falta de orientação, isto é: não se saber o que se quer. O facto que se deu na família vai reproduzir-se na

escola que é como que a sua seqüência; mas, se na família o facto é lamentável, na escola é absolutamente reprovável, porque assim ela falha á sua missão construtora.

Quando digo que a escola carece de orientação, faço duas pequenas restrições: uma, para as poucas que a têm, lógica, consentânea com o fim social que as gerou; outra, para aquelas escolas, *vulgares de Lineu*, cuja beia orientação é adestrar lindos papagaios que, nos espetaculosos exames, obtêm pomposas distinções e deslumbram a assistência. E, já agora, penitencio-me do anterior erro: nenhuma escola carece de orientação; a maioria carece mas é de *bôa orientação*, o que é um pouco diferente. Quem fosse por esse paiz fóra, com a lanterna de Diógenes, a perguntar qual a orientação de cada escola, traria tantas e tão variadas respostas que, pela sua quantidade e qualidade, avaliaria bem do estado caótico dessa orientação. Mas não é preciso ir tão longe. Perguntemos a nós próprios se sabemos o que queremos; á família se sabe o que quer fazer dos filhos; á sociedade o que quer fazer de si mesma. Nem a sociedade, nem a família, nem nós sabemos responder. Em toda a parte existe esta falta de *se saber o que se quer*.

Mas se compreendo e até acho natural este facto em nós, na família e na sociedade, condêno o, abertamente na Escola, porque esta é — e não pode ser outra cousa — o mais perfeito factor da renovação e aperfeiçoamento social, e não se compreende que esse factor, esse *agente*, seja tão inconsciente como o *agido*. Se a escola não tem essa função; para que serve? para deitar cá para fora monstrosinhos de sabedoria empacotada? Para isso seria melhor não existir porque sábios enfatuados nascem até debaixo das pedras, como os sapos em dias de chuva; para o produto da escola ser, como até aqui, homens que sabem *as quatro regras*, ler por cima, rabiscar o nome... e mais não disse, para isso não vale a pena existir a escola; qualquer sapateiro, entre o bater da sola e o enfiar da sovela, a supre e, talvez, com vantagem.

O homem tem uma vida animal perfeitamente definida, entrando nessa vida animal as suas altas manifestações intelectuais. Porém, por males que veem de séculos, criou em roda de si uma outra vida artificial que o estrangula, modificando-o a tal ponto que o inibe de se adaptar á vida animal a que o destinou a natureza. E' esta adaptação que é necessario promover.

Por viver num servilismo obscuro ou num despotismo absurdo, a sua razão animal obliterou-se, atrofiaram-se lhe os órgãos e aparelhos e ele — o animal superior — necessita durante tempos e tempos de cuidados desvelados que os outros, os inferiores, os rudimentares dispensam. Ao fim de um ano de existência ainda é um ser amorfo, cuja vida em pouco se manifesta e que não tem ações próprias; tudo quanto faz é imitado; tudo quanto pensa lhe é incutido. Têm, além disso, uma sensibilidade exagerada que o faz sentir, mil vezes maiores, as ações exteriores, ações que o impressionam, se gravam e perduram, enquanto viver. Vivendo num meio artificial, nem sequer tem o estímulo da natureza. Foi por isto que a sociedade necessitou de um centro que se dedicasse, sómente, a preparar essa *fragil cousa*.

Para quê? Para saber que ha *substantivos e preposições, aditivos e dividendos*? para saber a diferença que existe entre uma oração *integrante* e outra *relativa*? parece-me que não; são artificialidades do homem e, se não as houvesse, o mundo continuava a girar.

Foi para um pouco *menos* do que isso; foi para aproveitar em cada criança a enorme força

que em si tem como átomo da natureza; foi para, considerando-a como maquinismo habilissimamente engenhado, ajustar e azeitar essa maquina, de maneira a produzir a maior soma de trabalho util, com o mínimo esforço, segundo a lei, a dispensar em seu proveito a maior energia criadora e tornar-se assim á imagem e semelhança de sua mãe: a Terra. Foi para a ensinar a servir-se eficazmente dos olhos, dos ouvidos, dos músculos, dos nervos — da inteligência —, para ser *um todo* equilibrado e coerente, senhor de si próprio e livre no seu meio.

Para este desenvolvimento integral do homem de que meios devemos usar? Os meios... Confesso que não sei. Dou, neste ponto, a palavra á Pedagogia.

Mas... a Pedagogia, parece-me que também não sabe.

A Pedagogia é, como a Psicologia, — a que já me referi, — uma sciência de investigação, se bem que já velha e mais profundamente tratada.

Tem chegado á conclusões lógicas que, porém, nada têm de fixo; o que é muito para louvar. Não vou entrar agora em grandes detalhes sobre a pedagogia, por dois simples motivos: primeiro, porque me falta a proficiência que n'estes casos se requer; segundo, porque está no espirito de todos o assunto que éla versa e o modo como o trata.

Mas o que, também, está no espirito da maioria e é, quanto a mim, um grande erro, é que a Pedagogia é uma sciência positiva e que as regras que se aprendem nas escolas e nos tratados se aplicam, indistinta e fixamente, a esta ou aquela criança. As regras... esta palavra faz-me calafrios! Póde lá haver regras, onde tudo são excêções? fixar de antemão, o nosso modo de proceder para com crianças de que não conhecemos sequer um de seus múltiplos aspêtos!

Mas é que *isso* — essas cousas tão bonitas que se aprendem nas escolas e nos tratados — é a Pedagogia teórica, bôa, como teoria, para arquivar no recanto poeirento de alguma estante.

Parece isto, á primeira vista, condenar a Pedagogia e deixar o professor proceder á vontade da seu espirito, muitas vezes pouco desbravado... Pois não é.

E' condenar a Pedagogia de livro, que póde ser filha de muito bons e bem feitos estudos diretos sobre a criança, mas que póe falhar na criança imediatamente mais próxima; é condenar a Pedagogia que faz sair uma avalanche de nomes de pedagogos, dos lábios do professor, de cujo cérebro não é capaz de brotar uma idea que amplie ou emende a doutrina por eles expendida. Saber que houve Rousseau, J. Locke e outros; que vale? se não soubérmos cotejar as suas opiniões, discuti-las, modificá-las, reprová-las, até!

Dado mesmo que isso se tenha feito, quando tomarmos conta de uma classe teremos uma sensação análoga á que se sofre ao fazer uma viagem: ha uma diferença flagrante entre o que temos, sobre éla, estudado, lido, ouvido, e o que estamos vendo; resalta, prontamente, a aridez da carta geográfica, o falso, o enfatuado e o deficiente da descrição; o que vemos é melhor ou pior: nunca igual!

Pois as nossas arreigadas convicções pedagógicas, que analisámos com o auxilio prestimoso da lupa dos professores e dos criticos, vão baquear ante o grupo de crianças que nos dão para dirigir e educar. O tipo ideal de educando, — o *ser ativo*, etc., etc.,... — que julgámos moldavel como o barro de onde provém, não se verifica em nenhuma delas. Rousseau, fuge, horrorizado, para a solidão; J. Locke

FOLHETIM

Dar-vos-emos hoje, amáveis leitores, uma encantadora prosa textualmente extraída dum belo livro, pelo que decerto vós não nos censurais, desde que vos beneficiemos...

No paiz das formigas

Palestra ácerca das formigas (Imitação de Brevia)

Num dia de chuva, umas poucas de formigas que estavam descansando, apoz o jantar, em um dos seus pequenos salões, puzeram-se a falar dos homens: é este segundo parece, um dos assuntos predilectos das suas conversações.

Tornou-se a conversa muito animada, sem contudo chegar a ser ruidosa: como se sabe elas comunicam as suas idéas apenas tocando-se umas ás outras com as suas antenas.

Uma gorda e volumosa formiga, personagem importante e de humôr critico, fez diversas observações amargas sobre o que há de defeituoso no nosso sistema social.

— Reparem, por exemplo, na enorme quantidade de pobres que ha entre eles.

«Vê-se, por ventura, semelhante cousa na sociedade das formigas?»

Uma formiguinha nova entendeu haver nisto demasiada severidade a nosso respeito e, tocando com as antenas na sua vizinha, disse-lhe:

— O que eu digo é que ha muita semelhança entre os homens e as formigas. Eles constroem ninhos, cidades, como nós; são pedreiros, carpinteiros como nós somos. Teem vaccas, também nós as temos; escravos, e nós, também;

fazem guerra uns aos outros, como nós fazemos.

A formiga maior fez um movimento de commiserção e replicou:

— Não sei porque tomas o partido do homem. Para que serve esse grande e pesado animal? Nem sequer é bom para comer. Não se compreheende, em verdade, para que tenha sido creado; passava-se maravilhosamente sem ele.

— Mas ao menos, objectou a formiga joven (a mocidade é benevolente), os homens teem com nosco uma outra cousa comum: teem idéas e podem trocá-las entre si.

— Ah! interrompeu, triunfante a formiga velha; eu já esperava isso. Que pensamentos teem eles? Não sei. Mas haverá, no mundo, cousa mais horrivel que o som das suas vozes? Que sons! que perturbação a que eles lançam no silencio! Quasi que prefiro o ladrar dos cães. Basta a necessidade que os homens teem de fa-

zer toda essa bulha de palavras a proposito da menor cousa que teem a dizer uns aos outros, para provar a sua inferioridade e sobretudo a pobreza e a lentidão das suas idéas.

«Uma das nossas amigas teve o infortunio, uma vez na sua vida, de habitar algum tempo debaixo do sobrado de uma das salas onde elles se reúnem para falar e disse-me depois: «Não é capaz de imaginar, que bulha elles fazem sem poderem, quasi nunca, chegar a entender-se! E muitissimas vezes, um dentre eles faz com a boca uma algazarra de duas ou tres horas a fio para exprimir apenas uma ou duas idéas... se é que são idéas!»

A estas palavras todas as antenas se agitaram em sinal d'hilaridade: a causa do homem estava perdida.

Alem disso, viu-se entrar uma mensageira, em grande agitação: passava-se, decerto, na floresta qualquer acontecimento grave.

corre a quatro pés. — figuradamente, é claro! — e os outros tomam variadíssimas direcções; só um fica: o professor. Esse, coitado, ao verso desamparado, naquella camisa de onze vâras, diz consigo, se é valoroso e ama a sua profissão: «Deixá-lo! cá me hei de haver...» e começa a *pedagogicar* por si próprio. Examina, observa, estuda com afinco, *de natura*, e consegue resultados surpreendentes; a pedagogia que lhe fornece o bom senso e o amor da profissão é a melhor, porque é hoje uma, amanhã outra, diferente no mesmo dia, para diferentes crianças; nada tem de fixo, é filha da ocasião e do temperamento do educando. É a isto que eu chamo a *pedagogia prática*.

Mas o pior é que este pedagogo, quando se vê num ilustradíssimo centro de cavaqueira e tem que botar discurso, repara que a sua pedagogia de trazer por casa anda em mangas de camisa e, envergonhado, pede muito à pressa a Rousseau que lhe empreste a labita e a J. Locke o chapéu alto, e aí se põe ele a imposturar, sem ter o brio de dizer: «A pedagogia que sigo e que me tem dado tão bons resultados, fui eu quem a fez; é o produto do meu estudo diréto; quando, ao principio, quiz trabalhar achei-me a braços com muita *sciência*, mas com pouco *saber*!»

Nada! que perdia no conceito de todos, e ainda por cima, lhe chamavam gabaróla e outras cousas feias...

Bem: *La suite au prochain numero*, como nos folhetins.

Antonio Luis Filipe.

(Da Escola Normal de Lisboa).

De Necedal:

Vê-se mais o vicio que a virtude, porque o vicio é vaidoso e a virtude modesta.

FELICITANDO

as nossas simpáticas colegas pelas boas provas finais dos seus cursos, com muito gosto e orgulho damos a publicidade os seus nomes e classificações:

Arminda Coutinho da Silva	19 val.
Benilde Nunes da Graça	19 »
Maria Mercêdes Delgado	19 »
Maria Deolinda Martins	19 »
Gloria Consolado	17 »
Iria Bombeiro	17 »
Ilda Ribeiro	19 »
Ilda Lousada	19 »
Flavia Batista	17 »
Bemvinda Faria	17 »
Berta Gomes	17 »
Ana Veloso	17 »
Laura Sobral	17 »
Joana Condeço Martins	17 »
Maria Luiza d'Azevedo Rua	16 »
Helena d'Oliveira	16 »
Ruth Coutinho	16 »
Esther dos Santos	16 »
Maria d'Almeida Serra	16 »
Berta d'Avila	16 »
Lucinda Dias	15 »
Maria Machado	15 »
Alize Matos	15 »
Berta Froes d'Almeida	15 »
Iva d'Andrade	15 »
Diamantina Salgado	15 »
Gabriela Pinto	15 »
Ema Garcia	15 »
Maria de Jesus Costa	15 »
Ema Seromenho	15 »
Adelina Brito	15 »
Mafalda Guimarães	14 »
Herminia Varela	14 »
Heloisa da Silveira	14 »
Amalia Sant'Ana	14 »
Belmira Paes	14 »
Angela Vale	14 »
Albertina Marques	14 »
Ana Zuzarte	14 »
Antonia da Silva	13 »
Esther Bettencourt	13 »
Maria Catéa	13 »
Ana Soares	13 »
Cristina Silva	13 »
Georgina Lopes	13 »
Joaquina Barbosa	12 »
Hortense Silva	12 »
Filipa da Cunha	12 »
Candida Fernandes	12 »

Olimpia Mascarenhas	12 val.
Maria José de Jesus	11 »
Ana Fontes	10 »
Ilda Pontes	10 »
Maria Martinho Peres	10 »
Ana Martins	10 »
Maria Antonia d'Oliveira	10 »
Palmira Rodrigues	10 »
Edwiges Ludovice	10 »

Igualmente felicitamos os nossos colegas da Escola Normal de Lisboa, sexo masculino, que este ano terminaram o curso e cujo nomes e classificações a seguir mencionamos:

Abel Roque Pereira	18 val.
Antonio Viegas Tavares	15 »
Artur Simões da Silva	16 »
Baltazar da Silva Brito	19 »
Calixto Armino Rodrigues	19 »
Egídio da Silva Godinho	18 »
Ernesto Carlos dos Reis	17 »
Francisco Seabra Esteves	18 »
Manuel Pereira dos Santos	18 »
Mario Filipe Ribeiro	12 »
Mario Mourão	19 »
José Alves dos Santos	18 »

Conferencias e praticas

Dando por findos os nossos trabalhos escolares occupar-me-hei hoje das duas ultimas conferencias realizadas nesta escola.

Usando da palavra a Sr.^a D. Adelina Brito, disserta largamente sobre a «musica e seu valor educativo»

A conferente começa por fazer uma ligeira analise sobre a sociedade e a sua educação, concluindo que o homem só teria feito musica quando se viu na necessidade de exteriorisar as suas impressões.

Cita em seguida a interessante lenda que envolve nas trevas a origem da musica e entrando pouco depois num periodo historico alude ao seu desenvolvimento progressivo, tendo certamente no canto a sua fase primitiva.

É este que, aliado à poesia, forma as duas mais belas expressões do sentimento amoroso e cavalheiresco dos trovadores da idade-média, tornando-se popular, só quando o feudalismo começa o seu periodo de decadencia.

Entrando depois num grau de profundo abatimento é Napoleão que no seculo XVII o faz rejuvenescer na Germania, como desabafo mais sentido dum povo que o jugo napoleónico tentara aniquillar.

Destas sucessivas modificações que o canto vai sofrendo através das épocas e dos povos, nasce a musica propriamente dita que, evoluçionando, se bifurca em musica vocal e instrumental.

Foi naturalmente na necessidade instintiva de marcar o ritmo que tiveram origem os primeiros instrumentos, percutindo-se certos corpos, tais como, o diapsão, o tambor, os ferriños etc... que foram sem duvida, os percussores rudimentares dos instrumentos de hoje.

A medida porém que os instrumentos musicais se vão aperfeiçoando e que os sons se tornam mais vibrantes e sonoros, o canto amortece, observando-se mais uma vez essa lei psicologica que diz: «a intensidade das sensações simples diminui à medida que a vida intellectual aumenta.»

E a conferente que consegue interessar os ouvintes, apresenta-nos em seguida a musica entre alguns povos da antiguidade, tais como, egipcios, judeus e principalmente gregos onde ela adquire tal influencia que Platão afirmava «não se podem alterar as regras da musica sem perverter simultaneamente as leis do estado.»

Entre os romanos não chega a atingir grande desenvolvimento, Roma material, nunca pudera ter sido artista e éla que em tudo aproveitara das lições dessa grande mestra que se chamou a Grecia antiga, apodéra-se tambem da sua musica, já então decadente para embalar os primeiros arroubos do cristianismo.

E até ao seculo V ela evoluciona tomando um caracter essencialmente religioso e uniforme, seguindo-se-lhe pouco depois uma verdadeira confusão sentimental quando os barbaros fundem numa só, musica sagrada e profana.

E durante o longo espaço de tempo que vai do advento do cristianismo ao começo da idade moderna, a musica forma um todo homogéneo entre os diferentes povos, surgindo, após a renascença, esse numero variado de composi-

ções que, iniciadas pela opera, formam hoje essa arte sublime que tanto nos deleita e sensibiliza.

Apreciada sob o ponto de vista educativo a musica é sem duvida um dos melhores factores da educação, atendendo à influencia que as impressões sonoras exercem sobre os nossos sentidos.

E a conferente que ainda se alarga em considerações sobre o valioso concurso da musica no que diz respeito ao aperfeiçoamento fisico moral e intellectual, conclue a sua interessante prelecção dizendo: «é a divina arte que arrasta o homem da indolencia à actividade, da desordem à disciplina, da folia mais inconcebível às lagrimas mais profundas, do tédio à inspiração, da inspiração, ao delirio, do delirio à loucura e vice-versa.

«Ela é a sua terna companheira, ampara-o desde tempos remotissimos; seguiu-lo ha até ao ultimo seculo.

É o estímulo mais forte da civilização!»

Segue-lhe depois a sr.^a D. Joana Condesso que, subordinando se ao tema «critica dos factos mais importantes do reinado de D. João V», nos atestou mais uma vez o interesse que tais assuntos lhe merecem.

Fazendo uma breve dissertação sobre a influencia que os monarchas da dinastia de Bragança exerceram em Portugal, a conferente faz acentuar ao mesmo tempo, o exagerado valimento de que gosou sempre a classe jesuitica e a sua acção nefasta nos destinos do pais.

Entrando propriamente no reinado de D. João V, este vê-se logo de principio envolvido na guerra da sucessão que tão terriveis consequências teve para nós, dando-se a batalha de Almanza onde ficaram prisioneiros oito mil homens, ascendendo a muitos milzres o numero de mortos e feridos.

Segue-se-lhe depois a batalha de Saragoça cujas consequências se reflectiram ainda em Portugal e pouco depois o desastre de Vila-Viçosa, terminando pela defeza heroica de Campo Maior onde as armas portuguesas mais uma vez se cobriram de gloria.

E essa guerra a que o tratado de Utrecht puzera termo, teve como consequencia uma indenisação generosa para todas as nações beligerantes, a excepção de Portugal que além de sofrer enormes perdas materiais, se viu obrigado a desviar insensatamente a sua atenção dos negocios do estado; negligencia esta, de que aproveitaram os corsarios franceses, atacando-nos no Rio de Janeiro e fazendo-nos passar por uma série de humilhações, e não obstante a resistencia e temeridade do governador Francisco de Moraes, nós fomos obrigados a aceitar uma paz vergonhosa.

Pouco depois, por simples questões religiosas, uma esquadra portugueza marcha contra os turcos, auxiliando Clemente XI na batalha de Matapan e, ainda que a sorte das armas nos fosse favoravel, que beneficios houvessem dessa gloriosa batalha?

«Em pleno seculo XVIII, diz a conferente, só o fanatismo de D. João V e o seu espirito pouco esclarecido se deixaria arrastar pela idea absurda duma guerra religiosa»

Com a monomania da grandesa, D. João V aproveitava essas enormes riquezas que nos vinham das minas do Brazil em faustuosidades pueris, mandando edificar o grande convento de Mafra que no dizer de Herculano «é uma sensaboria de marmore».

Mas ainda por aqui não ficam os desperdícios do monarcha; com a creação da patriarcal e do titulo de fidelissimo dispendeu se somas enormissimas, a construção da capela de S. João Batista foi outra extravagancia que a historia condena, mas ante a qual a arte se curva reverente.

Como obra de utilidade apenas se construiu o aqueducto das Aguas Livres, sendo ainda necessario lançar-se um pequeno imposto, porque o ouro do Brazil se tinha consumido em faustosas grandiosidades e insensatas loucuras.

E, se nas relações diplomaticas se conseguia captar a simpatia da Europa, isso se deve mais aos habéis politicos que o guiaram do que ao espirito pouco autorizado do monarcha.

A administração interna, era um verdadeiro caos, os negocios do estado andavam ao desbarato, o luxo consumira tudo e a vida escandalosa da corte cavaram bem fundo o abismo para onde seria impellido o desgraçado Portugal.

Terminada a sua conferencia a sr.^a D. Joana Condesso foi muito aplaudida.

As duas conferentes foram muito felicitadas.

Digamos agora alguma coisa sobre lições praticas.

Algumas dessas lições se realizaram durante o ano, e, se por enquanto se não pode aquilatar quais os seus efeitos, pede a verdade que se diga que muitas dessas lições seguiram o rictus que a moderna pedagogia exige, quer na boa applicação dos metodos e processos, quer na observancia das leis gerais que a sciencia pedagogica nos indica.

Como este artigo se vai tornando demasiado longo, abstenho-me de mais considerações, agradecendo às amáveis leitoras a benevolencia que consentirem dispensar.

à muito vossa

Lucinda Dias

Quand on a tout perdu,
quand on n'a plus d'espoir,
la vie est un opprobre
et la mort un devoir.

Voltaire

De Gonçalves Crespo

Uma vez, numa camara elegante,
de um contador no marmore de rosa,
entre os mil nadas feminis que exalam,
uns aromas subtis que nos embalam,
vi uma concha palida e graciosa.

Sentira eu nela um som confuso e triste,
como o dos sinos em remota aldeia;
pobre concha! morria de saudade,
daquella vaga e triste imensidade
do mar que chora, na deserta areia.

Olha querida, como nessa concha,
anda chorando em mim continuamente
essa timida voz que tu soltaste,
essa palavra *Adeus* que murmuraste,
aos meus ouvidos languida e tremente

De Olavo Bilac:

A' ultima

Inda hoje, o livro do passado abrindo,
lembro as e punge-me a lembrança delas:
lembro-as e vejo-as, como as vi partindo;
estas cantando, soluçando aquelas.

Umás, de meigo olhar, piedoso e lindo,
sob as rosas de neve das capelas;
outras de labios de coral, sorrindo,
desnudo o seio, lúbricas e belas...

Todas formosas como tu chegaram:
partiram... e, ao partir, dentro em meu seio,
todo o venêno da paixão deixaram.

Mas, oh! nenhuma teve o encanto,
nem teve olhar como esse olhar, tão cheio
de luz tão viva, que abrazasse tanto!

EM FOCO

Deve-se à sacção dum leitor a observação de ser a secção *charadística* chamada por nós *humorística*.

Ora, meu caro, já vamos pôr os pontos nos i!

Chamámos *humorística* à dita secção por ser nosso intento introduzir-lhe de permeio com as charadas algumas anedoctas e ditos de espirito, o que não fizemos em todas por falta de elemento.

Já vê, meu caro leitor, que, o qualificativo — *humorística* — tinha um sentido mais

amplo para satisfazer ás conveniências da nossa secção, do que o *charadística* — só por si.

★ Aconselho as minhas colegas de Escola e Redacção a tomarem sempre muito cuidado na escolha dos aparos, porque se um dia lhes acontecere escreverem com um mais acerado, correm o risco de ser picadas por todos os lados... isto é... pica o aparo, pica a inveja e picam os odios!

★ Na China o progresso toma proporções desconhecidas! nos exames, lá, atende-se a muitos quesitos que, entre nós, são verdadeiras lacunas; por: exaluno ou aluna que não traga um atestado de bondade, uma lista de obras de caridade, tudo, emfim que ateste as suas boas qualidades, leva tamanha raposa que até fica derreada sob o peso!

Isto é que eu queria que em Portugal se fizesse!

Isto é que é educar e corrigir!

E a China ha-de progredir, e a Cafraria ha-de avançar, enquanto Portugal ha-de estacionar e retroceder por causa dos bons corações e das almas condoidas...

★ Tenho ouvido falar em projectos de edificios para as Escolas Normaes, de que se deve lançar a primeira pedra para o ano 2:000.

Sim! sim! e não adiantem o praso, porque se dariam verdadeiras catastrofes!

Imaginem a pavorosa solidão em que iriam ficar aquelas gerações de ratos e aranhas tão nossas conhecidas e amadas, e tão familiares das sucessivas fornadas de cada curso!

E, á parte isso, ha já em nós um amor, tão fundo e inabalavel pelos tétos rotos, pelos soalhos pôdres, pelo ar infecto e por todas as demais reliquias deste templo de paz e amor!

★ Hoje a modéstia é entre nós tão cultivada como a mais linda e exotica planta: o orador, o poeta, o pintor, o aluno, o professor tudo é modesto, graças a Deus! mesmo que o talento e graça lhe reluzam no olhar e transluzam no gesto...

Avaliam os leitoaes por este pequeno exemplo:

— D. *Nicodóces* foi apresentada a uma personagem em evidencia como a gema das meninas bôas, inteligentes e modestas...

— D. *Nicodóces* ofereceu prendas...

— D. *Nicodóces* sorriu, titubeou e córou...

— E D. *Nicodóces* não teve o seu nome no jornal (nome que só por si é um poema de modéstia!)

D. *Nicodóces* por amor á sua modéstia, ficou altamente indignada, e com justiça...

★ São férias... e por isso os meus amaveis leitoaes não de permitir-me (e desejar até!) que dê descanso á forja das tolices.

Segue se o reconhecimento.

Policarpa Flores.

velhos, óculos de mar, do tempo de João Bart e Duguay-Trouin; vendedeiras de marisco, esganichando-se, agachadas ao lado das cascas.

Passavam marinheiros com potes de alcatrão, marmitas a deitar fumo e grandes cestos, cheios de polvos que iam lavar na água esbranquiçada das fontes.

Por toda a parte uma misturada prodigiosa de mercadorias de toda a especie: sedas, minerais, carradas de madeira, chumbo em barra, panos, assucar, alfarroba, colza, alcaçuz, cana de assucar; o Oriente e o Ocidente confundidos; grandes montes de queijo flamengo que as genovezas tingiam de vermelho, com as mãos.

Mais em baixo era o cais do trigo. Os moços despejavam as sacas, no paredão, do alto de grandes andaimes. O trigo — torrente de ouro — rolava no meio de uma poeira amarelada. Homens de «fez» vermelho, joeiravam-no, á medida que chegava, em grandes crivos de pele de burro e carregavam no em carroças que se afastavam seguidas de um regimento de mulheres e crianças, com vassourinhas e cestos onde levavam a respiga...

Mais ao longe o dique, grandes navios deitados sobre o flanco e que chamuscavam com fogo para os desembarçar das hervas do mar; vergas mergulhando na água, o cheiro da resina, o ruido ensurdecido dos calafates que Jebruavam a quilha dos navios com grandes placas de cobre.

A's vezes, entre os mastros, uma clareira. Então, via-se a entrada do porto, o vai-vem incessante dos navios, uma fragata inglesa que partia para Malta, pimpona e aceiada, com officiais de luvas amarelas, ou ainda um grande «brick» marselhês, levantando ferro no meio dos gritos e das pragas e na popa um volumoso capitão, de sobrecasaca e chapéu fino, a mandar a manobra, em provençal; navios que partiam a todo o pano; outros, lá em baixo, muito ao longe, que chegavam lentamente, inundados de sol, como que no ar.

E, durante tudo isto, um harulho espantoso, o rodar das carroças, os — ó ça! — dos marinheiros, pragas, cantos, silvos de vapores, os tambores e clarins do forte de S. João, do forte de S. Nicolau, os sinos de La Major, das Accoules, de S. Vitor; e, por cima, o mistral que dominava todos os ruidos, todos os clamores, que os misturava, os sacudia, os confundia com a sua propria voz, e fazia de tudo uma musica doida, selvagem, heroica como a grande fanfara da viagem, fanfara que despertava o desejo de partir, de ir para bem longe, de ter azas!...

(trad. livre de Flip)

Narrativas historicas

Jogos olimpicos da Grecia

III

A luta

Eram sete os atletas que se tinham apresentado a concurso; em quanto esperavam conservavam-se num portico das proximidades, e ao meio dia, finalmente, houve a chamada em publico.

Foram lançadas listas em numero dos concorrentes numa urna colocada em frente do presidente dos jogos: em duas delas estava gravada a letra A, noutras duas a letra B, C em duas das restantes e finalmente D, na sétima.

Depois de misturarem as listas na urna foram os atletas por sua vez tirar a que a sorte lhes reservava, após o que um dos presidentes os uniu pela identificação das letras. Houve por isso três pares de lutadores, ficando o sétimo destinado a combater os vencedores dos outros.

A fim de se partirem mais facilmente ao ataque do adversario e dos choques da refréga, os lutadores despojaram-se por completo do vestuario e untaram o corpo de oleos, rolando-se depois sobre uma areia fina.

Logo em seguida um tebano e um agrigenteo avançam no estádio; aproximam-se, médem-se com a vista e agarram-se pelos braços com veemencia.

Sempre num *crescendo* de energia que os immobilisa quaes estatuas terriveis, apoiam frente contra frente consumindo-se em esforços inuteis; desprezando esta tactica contor-

cem-se em violentos arrancos e, enlaçando-se como serpentes, imitam-nas nos movimentos de extraordinaria flexibilidade que imprimem ao corpo. Banha os um suor abundante que lhes corre dos membros já caçados; param um momento respirando fundo, em seguida abraçam-se violentamente, e o tebano, que mais uma vez empregou toda a sua força e astucia, consegue erguer o adversario, mas logo verga sob o peso; e ei-los ambos rolando na poeira dispondo alternadamente da superioridade.

Por fim o tebano conségue prender todos os movimentos do adversario enlaçando-lhe os braços e as pernas, subjuga-o com o seu corpo, aperta-lhe a garganta e obriga o a levantar a mão em sinal de derrota.

Mas não é isto o suficiente para se obter a corôa, é necessário que o vencedor subjugue duas vezes pelo menos o adversario e, mais vulgarmente ainda se dá a terceira refréga. O argivo teve a superioridade da segunda vez e o tebano readquiriu a na terceira.

Assim que os dois outros pares de lutadores terminaram os combates, os vencidos retiraram-se cobertos de humilhação e dôr.

Ficaram três vencedores: um agrigenteo, um efesio e o tebano de que acabámos de falar, e ainda um rôdio que a sorte havia reservado. Este gosava a vantagem de entrar na arena sem o minimo dispendio de forças, mas só a custo de mais dum combate é que poderia obter o premio.

Ganhou um triunfo sobre o agrigenteo mas foi derrotado pelo efesio, que, por sua vez soffreu a mesma violencia do tebano; foi a este ultimo que concederam a palma. Assim, a primeira victoria, é ás vezes o inicio duma serie delas, dando-se mesmo o caso de o vencedor, num concurso de sete atletas como este, ser obrigado a lutar contra quatro antagonistas, que lhe opõem cada um de per si lutas diferentes.

O dia ultimo das festas foi consagrado á coroação dos vencedores.

Esta cerimonia que os enchia de gloria, passou-se no bosque sagrado e foi precedida de esplendidos sacrificios. Terminados estes, dirigiram-se os vencedores para o teatro precedidos dos presidentes dos jogos. Envergavam trajés riquissimos levando na mão a simbolica palma; a sua marcha era um triunfo e uma embriaguez que o som das flautas e as ruidos-

sas manifestações do povo levavam ao delirio.

A abrilhantar a festa apresentaram-se outros atletas em magnificos carros e belos corceis cuja soberbia e cujo ardor eram um estímulo de victoria; iam ornamentados de flores semelhante participar do triunfo.

Os vencedores, no proprio dia da coroação, ofereceram sacrificios em acção de graças.

Foram inscritos nos registos publicos dos helenos e esplendidamente banqueteados numa das salas do Pritanéu; nos dias seguintes deram eles entre si banquetes a que a musica e a dança aumentavam os atractivos.

Seguindo costumes consagrados, estes homens já cobertos de honra no campo de batalha, entram na sua patria com todo o aparato do triunfo. São precedidos e seguidos por um numeroso cortejo e vestem uma tunica de púrpura; a maior parte das vezes levam-os um carro puchado a dois ou quatro cavallos, que penetra na cidade por uma brecha praticada na muralha.

Barthélemy
(trad. de Irene Lisboa)

And is finished!...

Secção humoristica

Formar o nome de terras portuguezas com as letras das palavras:

Salve!
E'Ovar.
Morta.

Acrostico

.R..... — iluminante.
i..... — atraente.
.g..... — insuportavel ente.
.a.... — companheira amante.

A menina do mano

Darémos aos nossos leitores os conceitos de todas as charadas aos n.ºs 5 6 e 7 no proximo n.º 8, visto encontrarmos-nos fóra de Lisboa e a nossa papelada jornalística dormir pachorrentamente na velha pasta.

A POLICOMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a E

LISBOA

Papelaria, livraria, tipografia, encadernação, estereotipia e fabrica de carimbos de borracha

O maior estabelecimento do seu genero, no bairro. Trabalhos de luxo e simples.

Especialidade em trabalhos para artistas teatraes

Manda tomar e entregar encomendas a casa dos clientes

TELEFONE 3362

PARIS EM ALCANTARA

Fazendas, Modas, Confecções, Luvaria

Gravataria, Camisaria,

Retrozeiro e Alfayateria

Enorme sortimento em artigos para bordados, a matiz e a branco

CONZAGA & SOUZA, SUCCESSOR

Recebem-se todas as fazendas que sejam vendidas n'esta casa logo que o freguez prove NÃO SEREM mais baratas e melhores do que n'outro qualquer estabelecimento

44, RUA DO LIVRAMENTO, 46

(Em frente da Pharmacia Drack & Bairrão)

LISBOA

Aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras

VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO

Succedaneo do Oleo de Figados de Bacalhau

Grande sortimento de fundas para homens, senhoras e creanças, borrachas, cintos umbilicaes e abdominaes, suspensorios, irrigadores diversos, pulverisadores tira-leites, seringas, thermometros clinicos e vinho do Porto genuino.

Artigos de Perfumaria e de Hygiene vende-se na

Pharmacia Drack Bairrão

25, RUA DO LIVRAMENTO, 27

TELEPHONE 2902

Consultas medicas diarias

VAGO

VAGO

Secção humorística

Forma e nome de letras portuguesas com as letras das palavras...
Fórmula...
Mora...

"TERRA LIVRE,"

Semanario anarquista

(PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS)

Órgão de luta social e economica, opposição a toda a especie de governo.

Tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade.

Unico jornal que pugna pela emancipação integral da mulher.

Colaboração dos mais avançados escritores portugueses e de alguns dos mais notáveis agitadores revolucionarios do estrangeiro.

- Ciencia * Sociologia
Arte * Educaçao
* Literatura *
* Critica *

A' VENDA NA RUA, NOS QUIOSQUES E TABACARIAS

AGENTES EM TODO O PAÍS



PREÇO

Table with 2 columns: Duration (1 mez, 3 mezes, 6, 12) and Price (100 reis, 300, 500, 1000)

Numero avulso 20 reis

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua das Gaveas 55, 1.

LISBOA

PAPELARIA E TIPOGRAFIA

M. CORRÊA DOS SANTOS

ARTIGOS DE ESCRITORIO E GANETAS COM TINTA
TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS
Especialidade em impressos para o comercio
Completo sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Livros de eserituração. Copiadores de cartas e facturas. Livros de letras a pagar e receber, etc.
BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS (AS ULTIMAS NOVIDADES)
VENDEM-SE Facturas consulares brasileiras, Guias do Caminho de Ferro do Norte e Sul, Listas para inscrições e Telegramas.

10, RUA DA PRATA, 12 - LISBOA

(PRIMEIRO QUARTELAO VINDO DO T. DO PAÇO)

TELEFONE 3350

"Educação feminina,"

PREÇO D'ASSINATURA

Por 3 mezes..... 200 Rs
Por 6 mezes..... 400 Rs
(Pagamento adiantado)

Quinzenario das normalistas de Lisboa

Redação e Administração, Rua de Luís de Camões, 34, 3.

Ex. ma Srr.ª Biblioteca Nacional de Lisboa